

novas da galiza

número 23

A trama do financiamento irregular do Partido Popular

Salvador Rosa

A ninguém foge que o Partido Popular nom é umha associação nom lucrativa que se mantenha com as quotas da sua filiação, mas poucas vezes chegam a desvendar-se os pormenores do arripante sistema de financiamento irregular que o PP necessita para se perpetuar no poder. Entre relatórios e contra-relatórios, plasmaçom gráfica do mediático conflito Palmou-Baltar, o realmente importante é a saúde do financiamento. Após ter sido relegado do Cuinha, tudo indica que Rafael Louzán Abal é agora o principal financiador. E como sempre, as Deputaçoms Provinciais som a via.

PÁGINA 7



Forças contrárias à Constituição Europeia organizam-se

ENCE reconhece que a pressom social poderá impedir a instalaçom da nova fábrica

Pedem paralisar as expropriaçoms de Porto Seco

Reintegracionismo leva problemática galega ao Fórum Social Europeu

Novas iniciativas juvenis no seio do independentismo galego

Estado de Emergência,
por Daniel Salgado

Gerúndios,
por Kiko Neves

"Ainda nom aprendemos a deixar de ser racistas"

Entrevistamos Mariám Marinho, da Associação Galega de Antropologia



Sole Rei

A Associação Galega de Antropologia (AGANTRO) nasceu em 1993, visando a difusom na Galiza de umha disciplina que fornece dados de enorme interesse para o conhecimento das sociedades que dificilmente seriam obtidos de outro modo. Este ano, nom podia ser menos, foi o do Xocas, ilustre etnógrafo ao qual esta associação quer restaurar a sua importância como alicerce das investigaçoms antropológicas na Galiza. Também é o terceiro ano dos Obradoiros Abertos, que pretendem atender certas necessidades da sociedade do ponto de vista das achegas da Antropologia. Disto, da imigraçom, da situaçom da mulher, da comunidade cigana e de mais cousas, fomos falar com Mariám Marinho, da AGANTRO.

PÁGINA 15

Os Bush e os Bin Laden, no mercado galego com Carlyle

Redaçom

A aterragem da multinacional Carlyle no Estado espanhol produzia-se em Julho de 2001. Desde entom fõrom muitas as vias de expansom financeira que estudou, conseguindo afinal adquirir a empresa galega Saprogal, fabricante de raçons da conhecida marca Biona. Nada do outro mundo se nom fosse Carlyle um importante grupo de investimentos no sector armamentista com familiares de Bush e Bin Laden à cabeça. Para o NOVAS da GALIZA nom é motivo de orgulho que capital galego contribua para financiar os projectos genocidas de tam sinistros personagens, mesmo que fosse em troca de sermos nomeados no próximo documentário do Michael Moore.

PÁGINA 13

segunda

novas da
galiza

Editora: Minho Media S.L.

Director: Ramom Gonçalves

Redactor-chefe: Carlos Barros G.

Conselho de Redaçom: Marta Salgueiro, Antom Santos, Antón Álvarez, Ivám Garcia, Alonso Vidal, Xiana Arias, Sole Rei

Colaboraços: Maurício Castro, Inácio Gomes, Davide Loimil, Joám Carlos Ánsia, Santiago Alba Rico, Kiko Neves, José R. Pichel, Ramom Pinheiro, Carlos Taibo, Ignacio Ramonet, Ramón Chao

Fotografia: Arquivo NGZ

Humor Gráfico: Suso Sanmartin, Pepe Carreiro, Pestinho +1, Xosé Lois Hermo, Gonzalo Vilas, Aduaneiros sem fronteiras

Publicidade: 639 146 523

Correçom lingüística:

Eduardo Sanches

Imagem Corporativa: Paulo Rico

Desenho gráfico e maquetaçom:

Miguel Garcia e Carlos Barros

NOVAS DA GALIZA

Apartado 1069

27080 Lugo - Galiza

Tel: 639 146 523

novasgz@novasgz.com

As opinions expressas nos artigos non representam necessariamente a posicòm do periódico. Os artigos som de livre reproducòm respeitando a ortografia e citando procedência. É proibido outro tipo de reproducòm sem autorizaçom expressa do grupo editor.

A informaçom continua periodicamente no portal www.galizalivre.org

Fecho de Ediçom: 15.10.04

Estado de emergência

Daniel Salgado

Do incêndio que supugêrom as quatro maiorias absolutas consecutivas de Fraga Iribarne na Galiza haverá que ditar crónica algum dia. A terra arrasada polo lume diz-se que tarda dez anos a reverdescer. Se unicamente demorasse umha década, canto nos dentes. A respeito do relato dos quinze anos de regime fraguista, regressemos a Bertolt Brecht: “que cada quem fale da sua vergonha, eu falo da minha”. E a vergonha da qual nós falamos, a nossa vergonha, é umha vergonha que se constrói sob orelhas agachadas, a bordo de renúncias e de viradas de cabeça. Como em todas as vagas reaccionárias da história, umha vergonha que nasce também nas costas da responsabilidade colectiva e nom só na ignominia do fascismo fraco do Partido Popular. O fascismo simpático, que diz o Xulio Cid, de feira gastronómica e pista-poste, anulaçom da sociedade civil e das próprias instituições da democracia burguesa, listas negras de desafectos ao Paço de Inverno, desvertebraçom política, cultural, económica, nacional.

Mas, com toda a terra nas unhas, a história de um povo nom cabe inteira na história do poder. Bem triste é a sentença que outorga a cada país o governo que merece. Porém, apesar da potência da superestrutura organizada pola direita neste cantinho da periferia europeia, os galegos e as galegas nom soubemos aproveitar as fendas do sistema para o que importa, quer dizer, deitarmos abaixo o governo da Galiza. A oposiçom parlamentar, cada vez mais miope, acabou por pensar que a política tem lugar apenas durante o processo eleitoral e que a única legitimidade possível provém das votaçoms. Entretanto, umha sociedade galega que mostrou e demonstrou, umha vez e outra, que pode andar umha miguinha por diante da nossa pusilânime classe política, recua tam asinha como avança. Tudo num contexto de liberdades, polo menos, tuteladas: democracia à tunisina, explicou algumha vez o professor Outeiriño. No lugar onde se esquece que nom enfrentamos o tópico ocidental do ‘reto da imigraçom’ porque somos nós a emigrar. O mesmo lugar em que um jornalista pode ser expulso de umha conferência de imprensa presidencial por perguntar o que nom deve. Onde o conselheiro do plantom passava a Fraga Iribarne listas



de nomes de jornalistas anotadas à margem: “este é comunista; este, do Bloco; cumpre nom nos fiarmos deste, socialista”. Um país que sofre um genocídio cultural de baixa intensidade —entram mais galego-falantes na escola pública dos que saem. A violaçom e o saque ambiental, sem precedentes e sem paragem, atinge rios, fontes e regatos pequenos, montes, costa, bosque, terrenos protegidos —quem acredita a estas alturas do campeonato nos contos protecționistas da Uniom Europeia, na Rede Natura 2000 e no “caralho vinte e nove”?— tudo em prol de umha indústria que imita modelos coloniais de manual. Falta, de momento, a ocupaçom militar, mas um ensarilhado e corrupto magote de deputaçoms e câmaras municipais assentidoras fai funcionar o mecanismo certo para garantir os interesses das correspondentes empresas espanholas. Contra a desapareçom dos tecidos económicos, as soluçoms de Sam Caetano residem em substituir o sector primário polo Jacobeu. O porto desportivo em lugar da pesca. O turismo rural “de quadro” com rios em curto-circuito, torres eólicas e património arqueológico ignorado, rebentado, em vez da exploraçom pequária e aqui paz e depois glória. A paisagem para logo da batalha presume-se, sem dúvida, inte-

ressante: quilómetros quadrados no Noroeste da Iberian Paeninsulam entulhados à base de massa florestal metade eucalipto metade moinho propriedade de umha concessionária de Uniom Fenosa ou assim. No cerne, dous ou três gaiteiros com capa e tambor redobrannte, gaita-de-foles de três roncós e genuíno castelhano de *Riego de Agua (La Coruña)*, que ao pôr-do-sol montam no AVE e retornam às suas casas na meseta toledana. E como a realidade costuma exceder a mediocre ficçom, e acontece que *Mar adentro* oferece um ajeitado tratamento do presente lingüístico galego -!?, o país dantes conhecido com o nome de Galiza ainda há de ficar tam ou mais riquinho do que Nova Lorque naquela cousa d’*O Planeta dos Símios*.

Nom a posicòm *stand-by*, que exclamaram vai já para sete anos os do Fórum Luzes de Galiza, mas o estado de emergência. Porque, se calhar, os que tripamos a terra desta naçom canibal —porcos, cavalos, mulas, soldados— bem merecemos o governo que nos anda na pele. Mas, com todo o arrependimento dos pecados de nosso, ninguém ganhou, que se saiba, umha cadeira de braços em que se senta um presidente que assassinou, em 1963, Juliám Grimau.

sumário



INDEPENDENTISTAS DA GALIZA, PAÍS BASCO E PAÍSES CATALÁNS PROMOVEM MANIFESTO CONJUNTO

NÓS-UP, Endavant e Batasuna apresentáron o manifesto "Pola Independência dos Povos numha Europa dos Povos".

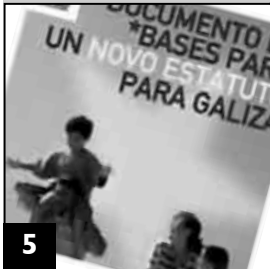
4

MAIS DE UM LUSTRO DE LOCAIS SOCIAIS EM PROL DA LÍNGUA

Enquanto a Fundação Artábria celebra o seu sexto aniversário, nom para de anunciar-se a criação de mais locais sociais por todo o País.



5



FÓRUM SOCIAL PARA UM NOVO ESTATUTO QUER QUE A NOVA REDACÇOM "GARANTA UM FUTURO MELHOR PARA O PAÍS."

Iniciativa do BNG pretende que no Novo Estatuto se reflectam os anseios de maior autogoverno.

5

O PELOURINHO DO NOVAS

Se tens algunha crítica a fazer, algum facto a denunciar, ou desejas transmitir-nos qualquer inquietaçom, este é o teu lugar.



12



"NUNCA PERDEMOS O CONTACTO NEM O INTERESSE POLOS GRUPOS PORTUGUESES."

Xesús Ron, actor e gerente da Sala Nasa

16

editorial

CORRUPÇOM ESTRUTURAL

Nom é a primeira ocasiom em que **Novas da Galiza** se debruça sobre essa ampla zona gris na que os poderes políticos hegemónicos procuram apoios e financiamento, tecem relaçons de todo tipo com diversos blocos económicos e exercem umha corrupçom parcialmente velada polo poderoso manto de silêncio que o obediente oficialismo mediático estende sobre os aspectos menos confessáveis do regime que habitamos.

Se numha passada reportagem oferecíamos a leitores e leitoras um completo repasso de quais as fontes de financiamento de um PP estreitamente ligado a algum dos nomes mais conhecidos do narcotráfico galego, no número que hoje tés entre maos continuamos a desmontar a engrenagem da corrupçom que, de maneira secular, rege o funcionamento institucional e a vida de milhares de galegos e galegas. A escolha do tema nom é nem muito menos casual. A actualidade mediática da recem fechada crise do PP no nosso País nom motivou, para a cidadania mais crítica e consciente, apenas umha reflexom especulativa sobre os futuros resultados eleitorais. Antes disso, muito antes, pujo na mente de todos umha outra análise mais urgente e profunda: a que procura explicar as razons da preeminência de uns esquemas de funcionamento político-institucional nos que nem tam sequer está presente o mínimo respeito às regras de jogo à tam louvada democracia formal. A Galiza como recanto perdido e isolado de um Estado

que só a atende com desprezo para planificar infraestruturas serôdias e nocivas, para se alimentar da sua emigraçom e para assegurar um férreo controlo político desde umha extendidíssima rede de poderes locais tam alheios a qualquer projecto ideológico como aderidos a um espanholismo a ultrança e à lógica da sua própria reproduçom desde o reparto de prebendas, essa é a Galiza que tantos descreviam a inícios do século XX. E é, por desgraça, também boa parte da Galiza de hoje que agoniza e vegeta entre cacharros e baltares a carregar no lombo da memória histórica com os traumas da emigraçom, o servilismo, a desfeita de 1936 e a fugida sem pausa do rural que hoje agoniza entre eólicas, chapapotes e silveiras.

Novas da Galiza quer ajudar a desentranhar esta realidade e a apresentar com nomes e cifras a lógica desta engrenagem: a dos concelhos amordaçados, as deputaçoms convertidas em promotoras e o tambaleante sector público ergueito como estandarte de enchufismo e corrupçom. E quer fazê-lo, como projecto mediático crítico e independente, nom para alimentar cábalas eleitorais nem para sonhar com futuras alternâncias. Para apontar sobretudo, como nom há tanto tempo fazia toda a esquerda nacionalista, que tais doenças estruturais clamam por soluçons e políticas de fundo que vam muito além do choque virtual liberais-conservadores. Apontam à soberania e, hoje como onte, nom cabem neste Estado.

Aduaneiros sem fronteiras



notícias

A própria companhia vê como o projecto da fábrica de "papel tisú" corre perigo

Pressom social pode travar fábrica de ENCE em Ponte Vedra

Alonso Vidal

As dificuldades com que está a topar ENCE na cidade do Leres vam em aumento. A actividade constante de grupos políticos, ambientalistas, da Associação pola Defensa da Ria (ADPR), e a oposição clara da Câmara Municipal, pode travar definitivamente o projecto de completar o ciclo de papel que Celuloses ideara para Lourizám. O conflito vem de muito longe, mas a sua fase definitiva está-se a desenvolver nestes meses. O propósito da empresa, da qual é accionista Caixa Galiza, é ampliar o complexo industrial duplicando a produção e instalando umha fábrica de papel "tisú". Há já cinquenta anos que ENCE polui a ria de Ponte Vedra e o seu rasto está presente desde entom na pituitária dos e das pontevedresas. A empresa foi já condenada por delito ambiental continuado, mas isso nom impediu que a Junta da Galiza lhe facilitasse a sua consolidação no espaço ocupado durante a ditadura franquista -esta ocupação deveria finalizar em 2018-, por meio da concessom da "supramunicipalidade". O intuito parece ser o de eximir ENCE da preceptiva licença municipal, que o grupo de governo pontevedrés se recusa a conceder. Para a Câmara municipal, a soluçom passa pola negociaçom por parte da empresa da sua transferência para outro lugar e pola utilizaçom de tecnologia actual que evite os grandes prejuízos ambientais. A ideia de recuperar a enseada de Lourizám convertendo-a num eixo limpo que dirija o crescimento da cidade para Marim é compartilhada pola cidadania pontevedresa.

Mobilizaçoms preocupam ENCE

A pressom social fijo com que a empresa reconhecesse as dificuldades numha junta de accionistas em Madrid. O seu presidente, José Méndez, que também dirige Caixa Galiza, ameaçou com a transferência da planta para Huelva ou Návia se a Câmara Municipal continua a paralisar licenças. Para ENCE o problema tem a ver com a paralisaçom da licença municipal para a Central de Tratamento de

Resíduos necessária para a fábrica de "tisú". Admitem que quanto mais se demorem as licenças, maior perigo corre o projecto, entre outros motivos porque os atrasos também dificultam o acordo alcançado com Xesgalicia e Georgia Pacific (GP) para o desenvolvimento da fábrica. Para Méndez o projecto é vantajoso para a zona - em que ele, infelizmente, nom reside- ao supor um investimento de cerca de duzentos milhons e a criação de vários centos de empregos.

A luta deve continuar

Neste momento a situaçom é de um certo impasse, segundo declarou ao NOVAS da GALIZA Antom Massa, da Associação pola Defensa da Ria. No âmbito judicial está a espera da resolução do Supremo Tribunal de Justiça da Galiza no que diz respeito à decisom da Junta de aprovar o projecto da empresa mediante a "supramunicipalidade". Porém, mostra-se relativamente optimista perante o resultado da pressom popular se esta se mantiver. Várias pistas informam do possível insucesso do projecto industrial: Por umha parte, comentários de pessoas próximas de ENCE-Caixa Galiza e de membros de CCOO, que se manifestam pessimistas sobre este particular. Além disso temos a firme oposição do Presidente da Câmara municipal pontevedresa e o mutismo absoluto da Georgia Pacific, principal sócio do projecto "tisú de Lourizám". Massa está confiante em que ENCE vê quase perdida a hipótese da papelreira de Lourizám e utiliza a chantagem de levar a empresa fora da Galiza como último recurso, e mesmo fala do encerramento em 2018. Segundo Massa, CC.OO. parece disposta a mobilizar, junto com o PP, os empresários e trabalhadores das empresas auxiliares de ENCE, actuando na prática como braço social da empresa. Neste sentido, mesmo valoriza positivamente a atitude do PSOE recusando-se a desafectar os terrenos de ENCE e a fixar como definitiva a data de 2018 para a caducidade da concessom dos terrenos de domínio



público. Para a Georgia Pacific (GP), que já regista conflitos um pouco por todo o mundo, nom seria cómodo instalar umha fábrica num lugar onde se verifica umha forte oposição.

Associaçom Pola Defensa da Ria continuará a pressionar

No passado dia 22 de Outubro, trabalhadores dirigidos por membros de CCOO ocupárom o plenário da Câmara Municipal de ponte

Vedra reclamando umha viragem de rumo do Governo municipal no respeitante à Papelreira, solicitando a concessom das licenças para a instalaçom do complexo, vendose obrigado o Presidente da Câmara a encerrar a sessom. Perante esta situaçom, a "Associaçom Pola Defensa da Ria" entende fundamental manter o grau de contestaçom social e mesmo aumentá-lo para conseguir enfrentar as campanhas de CC.OO. e ENCE e contribuir para

o abandono do projecto por parte de G.P.. À espera da resolução polo TSJG do seu recurso contra a decisom da Junta de aprovar a papelreira por meio da incidência supramunicipal, nom descarta novas denúncias judiciais. Também preparam novas aççoms de denúncia na rua, que aguardam manter de forma contínua ao longo de vários meses e que combinarám com entrevistas com diferentes sectores sociais e com o Governo espanhol.

Constitui-se a Plataforma Galega polo Nom á Constituicòm Europea

Redaçom

É conhecida a oposição radical que as forças independentistas mostrárom ao texto constitucional europeu que parte da populaçom do Continente submeterá a referendo no próximo ano. NÓS-UP e a FPG já se tenhem manifestado contra um projecto político considerado contrário aos direitos nacionais e que consagra o neoliberalismo. Tampouco faltárom alusos à nova arquitectura institucional da UE no acto que no passado 25 de Julho convocaram as Bases Democráticas Galegas, onde se fijo um chamamento a aderir a iniciativas populares suprapartidárias e conjuntas que visem manifestar na rua a oposição galega ao projecto.

Transcorridos mais de dous meses, este sentir comum calhou na constituicòm em Compostela da Plataforma Galega polo Nom á Constituicòm Europea, formada por Adiante-MRG, AMI, BRIGA, Ceivar, CUT, FPG, NÓS-UP, PCPG, Redes Escarlata e as próprias BDG. A recém criada estrutura já manifestou a sua vontade de organizar actos de rua coincidindo com a assinatura do Tratado de Roma o dia 29 de Outubro.

Por seu turno, a central nacionalista CIG já declarou com toda a nitidez à cidadania galega as suas razoms para o nom a um texto que recorta direitos sociais e nom reconhece naçoms nem linguas, mostrando o seu propósito de impulsar campanhas informa-

tivas e mobilizadoras contra a Constituicòm.

É o BNG que parece ter as cousas menos claras no que diz respeito a este particular. Enquanto vozes ligadas à extinta Unidade Galega ou a Esquerda Nacionalista se definiam por um si crítico, argumentando que o nom suporia perder o comboio da nova política institucional que se prepara no âmbito europeu, sectores da UPG e da militância mais ligada ao mundo sindical apostam em secundar a vasta corrente social que defende o nom rotundo. Tendo em conta a falta de um pronunciamento oficial da organizaçom política, há quem diga que a estrutura frentista da formaçom permitirá a vitória das teses dos e das opostas ao vigente modelo europeu.

Fundação Artábria celebrou sexto aniversário

■ NGZ

Enquanto em diversas comarcas do País os locais sociais dan os seus primeiros passos, e noutras como Ourense e Corunha se están a pôr em andamento iniciativas semelhantes, em Ferrol celebravam no passado mês de Setembro o sexto aniversário da primeira e mais audaz iniciativa de local social autogerido em defesa da língua. Nom por acaso foi numha das cidades mais espanholizadas da nação, onde um pequeno grupo de activistas dava espaço físico a umha associação pola língua com anos de trabalho às suas costas. Neste mês de Setembro, com a nova sede do bairro de Esteiro já em andamento, a Fundação organizou umha série de actividades que se prolongáram durante vinte dias. Actuações de músicas como Maria Manuela, exposições humorísticas como a do colectivo Aduaneiros sem Fronteiras, projecção de diapositivos sobre as actividades da Fundação ou jornadas gastronómicas abertas fórom algumhas das iniciativas deste sexto aniversário.

Novas jornadas e obradoiros de antropologia da AGANTRO

■ NGZ

A Associação Galega de Antropologia (AGANTRO) volta a realizar este ano Obradoiros Abertos. "Entre as instituições públicas e a sociedade civil. Iniciativas de integração social e participação cidadá" é o título das jornadas deste ano, que tentam articular-se como um espaço dinámico que permita a aproximação da sociedade da antropologia. Por isso, para além das conferências incluídas no programa, o que destaca som as actividades de grupo numha proposta de trabalho participativo. Após as realizadas na sexta-feira dia 8 e no sábado dia 9, que tratáram temáticas como as drogas, a comunidade cigana ou a sida, a organização mostra-se muito satisfeita com o desenvolvimento dos obradoiros como espaços interdisciplinares que permitem a qualquer pessoa exprimir-se do seu ponto de vista concreto. Obradoiros III concluí no sábado 23 com umha aproximação da realidade das prisons e do colectivo imigrante.

Independentismo defende reconhecimento do direito de autodeterminação

Fórum Social para um Novo Estatuto abre debate sobre modelo de Estado

Alonso Vidal

O Fórum Social para um Novo Estatuto, constituído oficialmente no passado 25 de Setembro, a iniciativa do BNG, esta a trabalhar num projecto que pode converter-se no modelo que o nacionalismo maioritário defende numha futura negociação de reforma estatutária. O debate sobre o modelo de Estado que se está a produzir no País Basco e na Catalunha reflecte-se na Galiza em duas correntes que parecem irreconciliáveis. Por um lado, o BNG aposta neste Fórum, criado para "reflectir sobre como pode reformar-se o Estatuto da Galiza para que garanta un futuro melhor para o País". Segundo os promotores, pretende-se que a proposta de um novo estatuto seja umha alternativa construída pola sociedade galega, e nom apenas um projecto do BNG. Por palavras da adjunta porta-voz do BNG, "o Novo Estatuto tem que ser o reflexo das aspirações de maior autogoverno que tem a imensa maioria dos cidadãos e cidadás deste país". O Professor Villares, coordenador de ensino e investigação no Fórum criado, opina que "estamos numha fase que se pode considerar constituinte e a Galiza tem

que participar neste debate com a sua própria voz, diferente da da Catalunha, do País Basco ou da Andaluzia". Por outro lado, o independentismo mantém a ideia básica, compartilhada outrora por todo o arco nacionalista, de que sem se exercer o direito de autodeterminação nom é possível a mudança efectiva das condições sociais e políticas do País. Assim, para NOS-UP, "Galiza e o seu povo trabalhador nom superarám a actual situação de marginalização, opressão, empobrecimento, precarização, sem mudar o actual quadro jurídico-político do capitalismo espanhol. Os problemas nunca poderám ser solucionados sem exercermos o direito de autodeterminação, dotando-nos de um Estado independente para contruirmos a alternativa socialista à actual barbárie do capitalismo e imperialismo espanhol". Neste sentido, esta organização política acabou de assinar umha declaração, com Endavant e a Batasuna, a favor da independência e criticando qualquer reforma do modelo de Estado que nom reconheça esse direito básico. Neste documento, intitulado *Pola Independência dos Povos numha Europa dos Povos* manifesta-se

claramente que "as organizações políticas independentistas e socialistas das nações sem Estado submetidas à dominação do Estado espanhol afirmamos contundentemente que qualquer possível reforma do Estado espanhol que nom inclua o reconhecimento do direito de autodeterminação dos nossos povos por meio de consultas populares estará abocada ao mais rotundo fracasso". A iniciativa, que foi apresentada em Barcelona por Maurício Castro, Francesc Armengol e Ainara Armendáriz, fica aberta à adesão de novas forças e será divulgada nas três nações e nas três línguas. Por sua vez, a FPG partilha também a ideia da autodeterminação como eixo sobre o qual basear qualquer hipótese de futuro. Ambas as forças já tinham participado sob esta premissa na manifestação conjunta convocada pelas Bases Democráticas Galegas no passado Dia da Pátria. Apresenta-se portanto un panorama incerto onde o nacionalismo pode defender posicionamentos diversos no debate sobre a organização do Estado que começa a produzir-se. A unidade de critérios também nesta questão parece difícil. O debate fica aberto.

Atacam em Vigo autocarro de recrutamento do exército espanhol

Redacção

Na manhã do dia 7 de Outubro, o porto desportivo de Vigo acordou sobressaltado. O condutor do autocarro com que a armada espanhola fazia campanha de recrutamento entre a juventude da cidade olívica chamava a policia ao ter detectado ao pé de umha das rodas do veículo umha mochila de montanha. À chegada dos TEDAX e à vedação da área seguiu-se a explosão controlada de um artefacto incendiário de fabricação caseira que produziu un pequeno ruído, como un tiro ou un petardo, segundo testemunhas presenciais. O autocarro nom sofreu prejuizos ao ter sido previamente afastado do explosivo por agentes policiaes.



Para a Delegação do Governo, a açom terá sido levada a cabo por independentistas. Ainda que algumas fontes policiaes apontassem a proximidade do Dia da Hispanidade e o desejo de notoriedade como causa da sabotagem, outras vinculavam-na ao décimo quarto aniversário da morte de Lola Castro e José

Vilar numha açom armada em Compostela. Enquanto os vigilantes da zona de segurança do porto desportivo afirmáram nom ter visto nada estranho durante a noite anterior, os operários que trabalham na zona dixérom que o artefacto tivo que ser colocado antes de eles chegarem ao seu posto.

16
o-dezaseis
- Casa de Xantar -
Rua de San Pedro 16 - Santiago

O Alfaiate
CAFE
Campo da Lenha, 20
CORUNHA

PATACHIM
taberna boémia
beira-mar, 16 corunha

Baiuca
Turco
Telf: 986 70 00 00
SOUTO MAIOR

ADEGA ARRAIANA
HERDEIROS DE ANTON BÉRTOLO LOSADA
Rias Baixas
Sela Estación - Arbo - Galiza
Telf: 629 908 884

reviravolta
local social
Arcebispo Malvar 23 Pontevedra

...del
OTXO
BAR
PRINCESA - 7 PONTEVEDRA

Adiante e Briga, novas iniciativas no movimento juvenil galego

■ NGZ

O mês de Outubro foi o escolhido por duas das correntes do independentismo galego para constituírem e tornarem públicas as suas estruturas políticas juvenis. As grandes coincidências político-ideológicas e programáticas nom ocultam, mesmo assim, as diferentes fidelidades partidárias e as profundas divergências na orientação do trabalho quotidiano que explicam tal proliferação de siglas. A 9 de Outubro tinha lugar em Compostela a fundação oficial de Adiante (Mocidade Revolucionária Galega), organização que já tinha feito a sua aparição no passado primeiro de Maio, e que já tinha apoiado no Dia da Pátria a iniciativa das Bases Democráticas Galegas. Num comunicado de imprensa recebido nesta redacção, Adiante (MRG) declara-se organização "independentista, revolucionária e autónoma" e expom parte dos conteúdos das suas teses, que abrangem os temas mais clássicos de umha organização destas características, para além de outros como a questão das drogas, a libertação sexual ou o ambientalismo. Como novidade a respeito da tradicional adesom ao reintegracionismo da mocidade independentista galega, Adiante (MRG) aposta na defesa da norma ILG-RAG para o galego, talvez a prova mais visível da sua proximidade das teses da FPG. Por seu turno, foi Ferrol a localidade escolhida por moços e moças militantes ou simpatizantes de Primeira Linha para a posta em andamento de Briga, organização que se pretende aglutinante de toda a juventude do MLNG. Em sentido contrário ao nascimento de Adiante (MRG), que se vinha fraguando discretamente durante vários meses, as origens desta estrutura encontram-se na acesa polémica que durante os meses do Verao manteve a AMI com jovens de Primeira Linha, e que concluiu num documento público em que se denunciava "o sectarismo da AMI e o seu desinteresse por se converter no referente juvenil unitário do MLNG", dada a recusa da organização juvenil a aceitar a entrada nesta formação de alguns militantes e simpatizantes da organização comunista.

A AMI participou nesta polémica vincando a sua fidelidade "à linha histórica do independentismo que representáram a APU e o EGPGC" e considerando positiva "a pluralidade de expressões do movimento juvenil galego", concluindo portanto esta organização que "o único referente unitário é a própria luta".

NÓS-UP e AMI comemoram Dia da Galiza Combatente

O movimento independentista deu começo a um novo ano político com a comemoração do chamado "Dia da Galiza Combatente", oficializado por NÓS-UP desde 2001 com o intuito de dar cabimento numha jornada reivindicativa à lembrança daquelas figuras destacadas na defesa dos direitos nacionais galegos e da causa da esquerda.

Redacção

Precisamente foi esta força política a que convocou o acto mais concorrido na jornada do dia 9 de Outubro. Ainda que estritamente a data seja o dia 11, na qual se lembra a queda de Lola Castro Lamas e José Vilar Regueiro numha açom do EGPGC contra os interesses do narcotráfico, a concentração foi marcada para o sábado anterior, para facilitar a assistência da filiação e simpatizantes. Sob a ameaça do temporal que na altura sacudia boa parte do País, NÓS-UP reuniu perto de um cento de pessoas no seu acto político, na Praça do Toural do bairro viguês de Teis, proferindo palavras de ordem como "PSOE-PP, a mesma

merda é" ou "adiante a luta operária e nacional". Alberto Moço, representante da organização em Vigo, fijo um chamamento a lembrar o emblema colectivo que representa este bairro, significado pola sua rebeldia nas décadas de 30 e 70, e ainda hoje envolvido em conflitos de grande entidade, como a luta contra o porto desportivo. Por seu turno, Miguel Gonçalves, representante da Permanente Nacional, venceu a importância de assumir o legado combativo de Vigo e realizou na sua arenga umha comprida revisão da conjuntura política nacional, advertindo contra a tentação de voltar a acreditar nas promessas do PSOE e na falsa solução da reforma estatutária. NÓS-UP

aproveitou também o acto para repartir maciçamente o seu Decálogo a respeito do debate autonómico, no qual nega qualquer utilidade e legitimidade a um hipotético novo estatuto e chama à construção de um amplo movimento soberanista.

A organização juvenil AMI decidiu reajustar a celebração do 11-O e deu um salto qualitativo ao passar a dedicar cada ano esta jornada a umha figura destacada da nossa história de luta nos campos sindical, político ou militar, enfrentando assim a tentação de associar exclusivamente a causa galega ao culturalismo. José Velo Mosqueira, que fora líder celanovense da FMN, representante da sua linha arredista e fundador da



organização armada DRIL, foi a pessoa escolhida. Fórum realizou quatro conferências sobre a sua figura em Compostela, Ourense, Vigo e na Escola Secundária de Cela Nova, e foi editado um caderno com a sua biografia. A homenagem culminou com umha arenga frente ao monumento a Curros Enríquez na vila natal de Velo e com a colocação de umha placa comemorativa. Miguel García, em nome da organização juvenil, dirigiu-se ao meio centenar de moças e moços assistentes chamando-os a seguir a valentia, combatividade e heterodoxia do homenageado. Ao acto, que rematou com a queima da bandeira espanhola, assistiram parentes do próprio José Velo.

Pedem paralisación do processo de expropriação de Porto Seco

Redacção

A primeira reunião com as promotoras para pedir umha nova parcelaria e a demissom de Cesáreo Novoa, presidente de Xestur, realizou-se no passado dia 15 de Outubro. Os afectados e afectadas manterám a reunião definitiva no dia 25 deste mesmo mês e, se nom se cumprissem todas as reclamações, nom haverá acordo e retomaráram as mobilizações. A Associação de Afectados e Afectadas pola Plataforma Logística Industrial de Salvaterra do Minho e Neves (Plisan) -popularmente, Porto Seco- tinha decidido acometer açoms de protesto, após nom ter respondido Xestur à maioria das alegações apresentadas polos proprietários e proprietárias dos terrenos expropriados. Seiscentos membros da associação possuem umha superfície de 2 milhons e meio de metros quadra-

dos, mais de metade da superfície sobre a qual se instalará o Porto Seco, dos quais a directiva da associação assinala que uns 2000, quarenta por cento, nom som reconhecidos na parcelaria realizada por técnicos das três promotoras: o Instituto Galego do Solo, a Autoridade Portuária de Vigo e a Zona Franca. A empresa Xestur gere o solo de que precisa Porto Seco ou Plisan, siglas da área logística de transporte por estrada e caminho-de-ferro situada entre Vigo e o Porto e promovida polos Executivos de Madrid e Compostela. Plisan será situada próxima de infra-estruturas como os portos e aeroportos das duas cidades, a A-9 e as auto-estradas do norte português, respondendo aos interesses do Grupo PSA-Citroen e às principais empresas da área metropolitana de Vigo.

A exigência básica é a paralisación do processo de expropriação até

que sejam atendidos os seus pedidos, já que, por palavras da direcção "aqui nom se fijo parcelaria nem se fijo inventário de bens, fíjose umha desfeita". O acordado na última assembleia de afectados e afectadas foi a reivindicação pública da demissom de Cesáreo Novoa, presidente de Xestur, e ainda que seja rescindido o contrato às empresas que elaboráram o trabalho, Norcontrol e Etixsa. Assim também, decidiu-se por unanimidade a nom aceitação desse quadro de pessoal na possibilidade de as promotoras cumprirem com a realização de umha nova parcelaria. Segundo a direcção "nom há volta atrás, senom retomaremos as mobilizações". Os afectados e afectadas mantiveron no dia 15 de Outubro umha reunião em Compostela com José Antonio Redondo, director do Instituto do Solo, Julio Pedrosa, presidente da autoridade portuária

de Vigo e o presidente de Xestur, Cesáreo Novoa. A direcção da associação indicou que foi explicado o ponto da situação e lembrou as alegações apresentadas com rigor, condição indispensável para um acordo. Assinaláram também a sua decepção ao comprovarem que López Peña, delegado da Zona Franca, nom acudiu à junta. O acordado foi a criação de umha comissão de técnicos designados pelas promotoras e polos afectados e afectadas para estudar a realização de umha outra parcelaria onde se faça um inventário de bens. A esta reunião, a Zona Franca enviou delegados que se comprometeram a estudar de novo as alegações.

A dia do fecho de edição o acordado era a realização de umha nova reunião para a segunda-feira vinte e cinco de Outubro em Salvaterra do Minho, onde a vizinhança espera chegar a um acordo.



reportagem

Descoberto o actual sistema de financiamento irregular do PP na Galiza

O presidente da Deputación de Ponte Vedra, Rafael Louzán Abal, controla umha rede empresarial mediante a qual os 'populares' obtêm receitas de centos de millions de euros graças às adjudicações outorgadas polo organismo provincial a sociedades afins

Em anteriores trabalhos jornalísticos publicados por NOVAS da GALIZA recolhíamos como nos anos 80 o actual presidente do Partido Popular, Mariano Rajoy, costumava reunir-se em Ponte Vedra com conhecidos contrabandistas de tabaco para lhe darem

conta do dinheiro numerário e em letras de câmbio que arrecadavam para o partido entre os contrabandistas, operações em que também participou pessoalmente o próprio Fraga Iribarne. Na actualidade o PP continua receber receitas de

centos de millions de euros de forma irregular, agora mediante empresas que apresentam contratos por obras inexistentes, facturando 300 por cento mais do que custam as obras que realizam ou triplicando os preços na aquisição de parcelas subvencionadas com dinheiro público.

Louzán está vinculado mediante terceiras pessoas a várias construtoras, imobiliárias, florestais, agrícolas e vinícolas que nos últimos anos aumentárom o seu valor de vendas em mais de 100% graças em parte aos subsídios e concessões da Deputação que preside

Salvador Rosa

Tudo isto, graças à inestimável ajuda dos 'novos arrecadadores', que substituem o relegado José Cuinha, que no seu dia fora o maior financiador do Partido Popular na Galiza.

Esta publicação teve acesso a numerosos dados que provam que um destes arrecadadores é Rafael Louzán Abal, presidente da Deputação de Ponte Vedra, íntimo amigo de Mariano Rajoy e um dos seus homens fortes na Galiza. Rafael Louzán começou a sua andadura política como contínuo na Cámara Municipal de Ribadúmia (Salnés) da mão do contrabandista José Ramón Barral, 'Nené', de que também foi sócio quando 'Nené' era o presidente da Cámara da localidade arouçana polo Partido Popular. Louzán está vinculado mediante



Esta publicação teve acesso a numerosos dados que provam que um dos arrecadadores irregulares é Rafael Louzán Abal (no centro da fotografia), presidente da Deputación de Ponte Vedra, íntimo amigo de Mariano Rajoy e um dos seus homens fortes na Galiza

Óscar Mininho Otero, companheiro sentimental da ex-secretária de Louzán, foi quem vendeu as luxuosas residências de Veroa aos rebeldes 'populares' José Luis Baltar e José Cuinha

terceiras pessoas a várias empresas construtoras, imobiliárias, florestais, agrícolas e vinícolas que nos últimos anos aumentárom o seu valor de vendas em mais de 100 % graças em parte aos subsídios e concessões de



Bono utilizado polo PP para canalizar o dinheiro que narcos e contrabandistas entregárom ao partido durante a campaña electoral de 1999. O número de série foi ocultado por segurança.

obras por parte da Deputação que ele próprio preside. Empresários vinculados ao PP galego reconhecêrom no seu dia à revista basca de investigación e denúncia social 'Kalegorria' que "parte dos benefícios que se

obtem dessas operações vam parar, como sempre, às arcas do partido [o PP]. Recorde você o caso Naseiro", em referência à trama de financiamento ilegal do Partido Popular que se descobriu em meados de 1990 quando

Rosendo Naseiro era responsável polas finanças do PP.

Numerosas empresas

Umha das mercantis a que está vinculado Rafael Louzán é Adegas Agnudei, de que é sócio maioritário Horacio Gómez, presidente do conselho de administração da SAD Celta de Vigo e ex-vereador do Partido Popular na cidade de Vigo. Adegas Agnudei está administrada oficialmente por José Castro Mougán e Oscar Mininho Otero, companheiro sentimental este último de umha antiga secretária de Louzán. Esta empresa criou-se, aliás, com um empréstimo de 500 milhões de pesetas (3 milhões de euros) que a Junta da Galiza douo a fundo perdido.

A 3 de Agosto de 2002, Adegas Agnudei recebeu em Cambados o segundo prémio num concurso de vinho alvarinho. Ao acto, que estivo presidido por Manuel Fraga, assistírom, entre outros, a entom ministra da Saúde espanhola, Ana Pastor, e o conselheiro da Justiça da Junta, Xesús Palmou, curiosamente dous dos políticos de confiança de Rajoy na Galiza. Horacio Gómez recebeu o galardom em representação de 'Adegas Agnudei'.

Obras e Construção Sísan (OCS) e Pavimentos de Meanho, ambas dedicadas à construção e à extração de pedra, terám sido outras duas mercantis vinculadas a Louzán que nos últimos anos recebêrom indirectamente concessões milionárias por parte da empresa pública Gestom Urbanística de Ponte Vedra (Xestur Ponte Vedra), dependen-



Fraga e Rajoy dirigiram o financiamento irregular do PP durante os anos '80. A dia de hoje, o PP ainda se vale do dinheiro sujo para manter a sua rede de poder.

te da Conselheria da Política Territorial, Obras Públicas e Habitação e administrada por altos cargos do PP galego, entre eles o próprio Rafael Louzán. Tal e como difundiu recentemente a estação Cadena Ser, só durante o passado Veroa a Deputación que preside Louzán pagou mais de três milhões de euros a estas duas sociedades em conceito de obras e contratos de subministro. Obras e Construção Sisán, do mesmo modo que Adegas Agnusei, está gerida por Óscar Mininho Otero, companheiro sentimental da ex-secretária de Louzán. Esta pessoa, que segundo desvendou a estação radiofónica trabalhou até há poucos anos como comercial de uma imobiliária, foi quem vendeu as suas luxuosas residências de Veroa aos rebeldes 'populares' José Luis Baltar e José Cuinha. Quanto a Pavimentos de Meanho, esta sociedade foi criada polo motorista pessoal do presidente da instituição provincial pontevedra,

Marcos Galinhanes Varela, embora quem se encontra hoje em dia à frente desta sociedade seja um tio seu, Jesús Pombo Vidal. Pavimentos de Meanho está administrada actualmente por Patricia Pombo Varela e conta como apoiada com Lourdes Varela Cousido e Jesús Pombo Vidal. Este último incorporou-se à construtora depois de ter trabalhado durante vários anos como empregado de maquinaria na Deputación de Ponte Vedra. OCS e Pavimentos de Meanho fôrom subcontratadas em 1999 pola empresa Construção de Obras e Viais (COVSA) para ampliar o parque empresarial de Vila Garcia da Arouça. COVSA tinha sido reabilitada anos antes com dinheiro público e subcontratou as empresas de Louzán após ter recebido uma adjudicação milionária de Xestur Ponte Vedra. Cabe destacar que COVSA tem também participações no Celta de Vigo de Horacio Gómez.

Diferentes acusações de corrupção



Louzán já tivo que enfrentar anteriormente diferentes acusações de prevaricação. Em 2001 solicitavam a sua demissão por adjudicar "irregularmente" trabalhos a empresas com que mantinha algum vínculo familiar.

Outras das empresas vinculadas a Louzán que citou a estação Cadena Ser como receptoras de adjudicações por parte da Deputación pontevedresa som Transportes, Obras e Construção Fonte Fria e Áridos Curro. A primeira delas, administrada pola família do motorista de Louzán, recebeu este ano três concessões de maquinaria para o organismo provincial. A segunda, que também foi destinatária de umha concessão de maquinaria, é propriedade de Juan Luis Abal Pinheiro, parente directo da mãe de Rafael Louzán. As adjudicações referidas somam perto de 30 millóns das antigas pesetas e fôrom feitas em Janeiro deste ano e renovadas há poucos meses. O certo é que Louzán já tivo que enfrentar anteriormente diferentes acusações de prevaricação. Assim, a 6 de Julho de 2001, o Grupo Socialista da Deputación de Ponte Vedra

Transportes, Obras e Construção Fonte Fria, administrada pola família do motorista de Louzán, recebeu este ano três concessões de maquinaria para a Deputación. Áridos Curro, que também foi destinatária de umha concessão de maquinaria, é propriedade de Juan Luis Abal Pinheiro, parente directo da mãe de Rafael Louzán

solicitou a demissão do máximo responsável da instituição provincial, na altura presidente do PP na Galiza e vice-presidente do Governo provincial, porque adjudicou "irregularmente" trabalhos a empresas com que mantinha algum vínculo familiar. Nesse mesmo ano o Partido Socialista da Galiza-PSOE pediu a comparência de Rafael Louzán na Deputación Provincial de Ponte Vedra para que explicasse a sua relação com a empresa Limvial, de que era administrador o irmão de 'Nené', Feliciano Barral, que foi detido na mesma operação com o ex-presidente da Câmara de Ribadúmia. Ainda que o pedido tivesse sido rejeitado pola maioria do PP na instituição provincial, 'Kalegorria' confirmou que umha das administradoras desta sociedade é Maria Teresa Cores Fernández, companheira sentimental de Louzán.

DISTRIBUIDORA TEXTIL

avante

Apartado 481
32070 - Ourense
Nº 619 419 338

Preenche este cupom, recorta-o e envia-o ao endereço aqui indicado. Faz o teu pagamento mediante ingresso bancário na conta número 20800261280000206544 de Caixa Nova (acrescentando 3 € de gasto de envio) ou bem contra-reembolso (somando 6 € de gasto de envio). No seu caso, anexa cópia do justificante do ingresso.

Num. Referência:
Cor: Talha:
Nome:
Apelidos:
Endereço:

LOGO COMITE REVOLUZIONAREO ARREDISTA DA HAVANA
CAMISETA AZUL OU PRETA
7 EUROS



GALIZA CEIVE
CAMISETA AZUL OU PRETA
7 EUROS

GALIZA CEIVE



A FOUCE
PERIÓDICO GALEGO



A FOUCE*PERIÓDICO GALEGO
CAMISETA AZUL OU PRETA
7 EUROS

O ocaso do financiador Cuinha

Até há pouco o mais importante financiador dos 'populares' galegos. Da sua conselheira dependia directamente Xestur Pontevedra, cujas obras adjudicadas superam os mil milhões de pesetas



O ex-conselheiro da Política Territorial, Obras Públicas e Habitação José Cuinha foi até há pouco o mais importante financiador dos 'populares' galegos. Da sua conselheira dependia directamente Xestur Pontevedra, cujas obras adjudicadas superam os 1.000 milhões de pesetas (6 milhões de euros). Parte deste capital foi desviado indirectamente para sociedades de militantes do PP, que por sua vez ofereciam parte da pilhagem ao partido.

Umha das empresas galegas ponteiras na construção, à qual Xestur adjudicou obras por centos de milhões das antigas pesetas, é Construções Taboada e Ramos,

que tem participações, entre outras, em ACS Projectos, Obras e Construções, da qual por sua vez é dono Florentino Pérez, presidente do Real Madrid e um dos mais importantes empresários do Partido Popular.

Outra sociedade beneficiada com quantidades importantes de dinheiro público é Construções Parano, mais conhecida como Copasa. Segundo fontes próximas do PP da Galiza, por detrás desta mercantil estariam José Cuinha, o presidente da Deputação de Lugo, Francisco Cacharro Pardo, um dos 'barons' que continua a apoiar Cuinha, e o senador popular Victorino Núñez.

Barreiro e Feijoo asseguram a lealdade de caciques e empresários

Os vice-presidentes já mexem os cordelinhos: Barreiro apoiando-se na rede caciquista e oferecendo prebendas, Núñez Feijoo reunindo-se com as grandes empresas galegas

No NOVAS da GALIZA de Maio de 2004 publicamos umha reportagem sobre a nomeação dos vice-presidentes da Junta da Galiza, onde já nos debruçamos sobre a velha fenda aberta no Partido Popular. Os relatórios e contra-relatórios som, nos últimos tempos, o mais destacável da política galega. O primeiro a sair foi o de Cuinha, mas Baltar é consciente de que nos gabinetes de Génova há muita mais informação que pode levar os dous barons, que partilham por outro lado empresas comuns, à ruína política. O último a se aderir ao debate por meio dos relatórios foi Rivas Fontán, que com o seu dossier contra Louzán, Presidente da Deputação de Ponte Vedra, se apresentava em Sam Caetano perante Manuel Fraga

Iribarne. O Presidente nom evitou assinalar Rivas Fontán como o responsável polo que Fraga qualificou de "calúnias". Juan Miguel Diz Guedes, José Cuinha Crespo, José Luis Baltar, este ultimo através do seu filho José Manuel, partilham vários negócios na comarca do Deça, algo de que som conscientes no PPdG. Disto falava o conselheiro da Pesca Henrique López Veiga, ao acusar "de enriquecimento paralelo a actividade política de alguns". Afinal, um presidente de um partido reconhece publicamente a política de relatórios e um conselheiro de um governo reconhece publicamente que companheiros de partido e de governo enriqueceram com a política.

Marta Salgueiro

Mas o grande cacique de Ourense também tem os seu relatórios. Chamam-se rede clientelar e votos. Baltar apresentou na noite de 13 de Junho o melhor resultado do PP nas quatro circunscrições galegas: 55,86% dos votos, 10 pontos acima de Ponte Vedra, feudo do Presidente do PP espanhol, Mariano Rajoy. Com eles e com as sondagens que manejava José Cuinha sobre a eventual perda da Junta, mesmo com Fraga de candidato, apresentou-se o de Nogueira na residência

No 14 de Novembro de 2004 começou também o afundamento do PPdG. Enquanto a Galiza estava a padecer a pior das suas catástrofes ambientais, começavam também as fendas no partido no governo

oficial de Monte Pio. O de Vilalva dixo-lhe que tivesse cuidado, que "Barreiro Rivas tinha sido umha das cabeças melhor formadas deste país e acabou politicamente fracassado", e Baltar respondeu "é possível, mas Barreiro Rivas nom era um cacique nem tinha a presidência de umha deputação e mais de 55 concelhos com ele". No 14 de Novembro de 2004 começou também o afundamento do PPdG. Enquanto a Galiza estava a padecer a pior das suas catástrofes ambientais, e ainda lamentando o abandono do governo galego, começavam

www.novasgz.com | novasgz@novasgz.com | Telefone: 639 146 523



Preenche este impresso com os teus dados pessoais e envia-o a NOVAS DA GALIZA, Caixa dos Correios 1069 (C.P. 27080) de Lugo

1 Ano = 12 números = 20 euros Assinante Colaborador = ___ euros

Nome e Apellidos Telefone

Endereço C.P.

Localidade E-mail

Nº Conta

Junto cheque polo importe à ordem de Minho Média S.L.

Assinatura

também as fendas no partido no governo. A rede caciquista montada pola direita galega ia rachando perante a impossibilidade de Manuel Fraga controlar o que estava a acontecer. A cidadania galega, em cheio na rua, e o Partido Popular de Madrid tomando posições no PP galego, relegando e desautorizando cada um dos seus dirigentes. Enquanto Fraga rogava em Madrid que lhe deixassem agarrar o boi polos cornos, José Cuinha e Mariano Rajoy travavam a batalha definitiva que acabou com a falência política de Cuinha propiciada polo actual secretário geral do PPdG, Jesús Palmou. A cabeça política de Palmou voltou a ser umha das reivindicações dos ourensanos nesta reedição daquela batalha.

O porta-voz do Grupo Parlamentar do BNG, Xosé Manuel Beiras espetou a Fraga no debate sobre o "Estado da Autonomia" -esse em que o presidente da Junta desmaiou- o seguinte: "Na emergência do Prestige, você demitiu-se, deixou de exercer como Presidente da Junta e deixou que Rajoy ocupasse o espaço institucional. Sacrificou você a unidade colegiada do governo galego à soberba instruída de Aznar, e a Junta fendeu em dous pedaços: o grupo que queria que você e a Junta exercessem as suas responsabilidades em defesa dos cidadãos e cidadãs, e o grupo que se infiltrou na Junta para servir Madrid e nom o povo galego, quer dizer, Aznar e Rajoy. Ao grupo autóctone pediu você obediência e silêncio, e obedeceram e caláram, e prometeram recompensa com a vice-presidência. E de facto recompensou-os, porém, nom com a vice-presidência, mas com a decapitação decretada por Aznar e comunicada por Rajoy". De todos e todas as presentes no Parlamento, Fraga, apesar do desmaio dessa manhã, e José Cuinha Crespo sabiam melhor do que ninguém de que estava a falar Beiras.

Que quer Baltar?

José Luis Baltar nom pede orçamentos para Ourense, tampouco umha quota de poder ou "nom só" como dizem fontes muito próximas do presidente do PP ourensano. Baltar está "a exigir protecção" para ele e para os seus. Mariano Rajoy está prestes,

Baltar nom pede orçamentos para Ourense, tampouco umha quota de poder ou "nom só". Baltar está "a exigir protecção" para ele e para os seus. Madrid entende que é o momento de "matar a velha guarda" e "impor o seu critério económico e especulativo de luva branca"

com os seus sequazes na Galiza, Xesús Palmou, Ana Pastor, Nunhez Feijoo e Manuel Cabezas, a acabar de vez com o poder dos chamados "da boina". Após a perda das principais cidades galegas, Madrid entende que é o momento de "matar a velha guarda" e "impor o seu critério económico e especulativo de luva branca para o qual os velhos caciques nom servimos."

Baltar está a pedir protecção frente a esses relatórios em que o Partido Popular começa a pôr luz sobre 15 anos de "governo e de reparto". O de Nogueira e o de Lalim, de momento, acalmáram com a "promessa feita polo velho de que nom havia mais cabeças a cortar". Manuel Fraga também conseguiu aplacar a cissom que "desta feita se estava a planear totalmente a sério". Perante as reuniões do mestre e do filho do moleiro com o "patrom", Génova enviou um mensageiro para "dar aviso a navegantes" por palavras do Conselheiro de Pesca Henrique López Veiga. Trouxo o encargo de Madrid de "avisar Baltar e Cuinha" de que o partido tinha provas suficientes sobre "o enriquecimento de alguns deputados e dirigentes políticos paralelamente à sua vida política". O Conselheiro evitou dar nomes e nom fíjo falta, ninguém se quijo sentir aludido, mas todos apanharam a mensagem: "a partir de agora vale tudo".

Os vice-presidentes repartem favores



Feijoo e Barreiro acumulam méritos para a sucessão ao assegurar as fontes de poder da rede caciquil. O vice-presidente de Madrid e o que pretende amarrar os caciques trabalham a fundo para perpetuar o PP no governo da Junta.

Alberto Nuñez Feijoo foi número dous de Romay Becaría na sua passagem pola gestom sanitária da Galiza e de Madrid. Sabe bem em que lado está situado, é ambicioso e é a aposta mais clara dos chamados do "birrete". Conta com o apoio expresso de Mariano Rajoy, que "está claro que confia nele para limpar o partido", segundo um militante popular ourensano. Pouco depois de entrar na executiva espanhola do Partido Popular, Alberto Nuñez Feijoo acudiu a umha reunião em Ortigueira onde se encontráram os principais empresários da Galiza e o grupo de "pressom da Corunha", onde está o presidente da Cámara Paco Vázquez, Caixa Galiza, Inditex e La Voz de Galicia, entre outros. Perante eles, Alberto Nuñez Feijoo dixo ter a certeza de que seria o próximo presidente do Partido Popular da Galiza e de que viria a ocupar a residência de Monte Pio.

José Manuel Barreiro é o actual vice-presidente segundo, para além de Conselheiro do Ambiente e Presidente do PP de

Nuñez Feijoo acudiu a umha reunião com os principais empresários da Galiza e o grupo de "pressom da Corunha", onde está o presidente da Cámara Paco Vázquez, Caixa Galiza, Inditex e La Voz de Galicia. Perante eles dixo ter a certeza de que seria o próximo presidente da Junta

Nas últimas semanas, Barreiro reuniu-se "com vários grupos municipais" para lhes oferecer "o que quisessem"

Lugo. Apadrinhado por Cacharro Pardo, no início estava posicionado ao lado dos da "boina". Hoje joga um outro papel dentro do partido, estando ligado a Jesús Palmou de quem se está a pedir a "cabeça política". Barreiro também está a mexer os seus cordelinhos. É profundo conhecedor da rede caciquista sustentada pola direita galega. o vice-presidente segundo da Junta reuniu-se "com vários grupos municipais" para lhes oferecer "o que quisessem". Alberto Nuñez Feijoo move o "capital" galego, José Manuel Barreiro o "potencial de voto".

RENOVAÇÃO
EMBAIXADA GALEGA
DA CULTURA
embgalega@hotmail.com
monchodefidalgo@terra.es

LOCAL SOCIAL
REVOLTA
Rua Real, 32
Apdo. 287 - 36200 VIGO

ARTABRIA
Travessa de Batalhons, 7
981369099 - 981369921
15403 FERROL
www.artabria.net

CENTRO SOCIAL
A tren!
precisamos da tua ajuda
COLABORA !!
csatreu@hotmail.com
Travessa San José, 2 (Rês-do-chão)
15.002 CORUNHA
Colaborações: 2091-0012-18-3040031205

Cronologia de umha crise

O desencontro entre os 'populares' chegou a ameaçar a actual maioria parlamentar do PP



Baltar e Fraga cenicam um acordo que recupera a Cuinha na executiva do PP e mantém o poder dos 'líderes provinciais', com licença para manter "à sua maneira" a imprescindível rede caciquil do PP.



Manuel Fraga sofre um esvaecimento enquanto pronunciava o discurso de abertura do debate do Estado da Autonomia, no passado 6 de Outubro.

14 de Novembro de 2002
Há dous anos afundou o Prestige nas nossas costas. O governo galego desaparece. O governo espanhol entra no sistema caciquista montado pola direita galega deixando os caciques sem tempo nem margem de manobra. Começa a crise no PPDG.

16 de Janeiro de 2003
Cuinha é demitido após ter-se comprovado que empresas da sua propriedade venderão material para recolher o piche do Prestige por valor de 45.000 euros.

Janeiro de 2003
Dirigida da sua casa de Lalim, Cuinha tenta promover umha revolta de presidentes de câmara afins e dirigentes do PP contra Xesus Palmou. Jose Luis Baltar ordena ao seu filho José Manuel Baltar e a quatro parlamentares de Ourense chefiar a revolta conhecida como "a da quinta do Nene". Exigem de Aznar e de Fraga a destituição de Palmou como Secretário Geral do Partido.

25 de Agosto de 2004
Fraga anuncia que volta a apresentar-

Cacharro Pardo apoia Baltar nas suas críticas a Madrid e diz que "alguém que sabe que é o próximo tem que defender-se". Baltar mantém as posições e Madrid opta por expulsá-los do partido pondo em questom a autoridade de Fraga. Em pouco tempo, as águas calmam em aparência, mas as diferenças de critério auguram um futuro tenso após a morte de Fraga

-se como candidato do PP. Rajoy diz que lhe dá um cheque em branco.

10 de Setembro
Som nomeados os dous vice-presidentes, Alberto Nunhez Feijoo e Xosé Manuel Barreiro. Baltar declara, perante estas nomeações que "nom há lutas no PP, mas os ourensanos esperamos que acabem os défices históricos".

10 de Setembro
José Miguel Diz Guedes demite-se por surpresa do seu cargo como Conselheiro da Agricultura. Enxerga-se a primeira consequência da crise.

12 de Setembro
Romaria do Monte do Gozo. Manuel Fraga diz no seu discurso que "nem todos podem ser conselheiros" e pede unidade. Baltar e Cuinha nom assistem aos discursos, chegando para o jantar, mas nom houve "tombom", ainda que Manuel Fraga visitasse a carpa de Ourense assegurando: "eu também som de Ourense, ainda que seja de Lugo."

17 de Setembro
Explode a segunda crise. Presidentes das Câmara fieis a Baltar começam em Ourense a ameaçar com abandonar o Partido. José Manuel Baltar começa a mobilizar "os da quinta do Nene".

20 de Setembro
Baltar propom a Fraga numha ceia em Compostela a ruptura com o partido garantindo a maioria no Parlamento até as próximas eleições. Manuel Fraga ameaça com um adiamento eleitoral.

23 de Setembro
O vice-presidente Alberto Núnhez Feijoo acode a Ourense para servir de intermediário na crise mas a sua tentativa é considerada umha provocação.

24 de Setembro
Cacharro Pardo apoia Baltar nas suas críticas a Madrid e diz que "alguém que sabe que é o próximo tem que defender-se". Baltar mantém as suas posições e Madrid opta por expulsá-los do

partido pondo em questom a autoridade de Fraga.

27 de Setembro
Manuel Fraga tem que suspender a sua agenda por causa de umha gastrenterite.

5 de Outubro
Fraga entra na sede do PP em Compostela assegurando que "se Deus e Baltar quiserem isto tem soluçom". Reúne-se 20 minutos em Monte Pio com Baltar. O barom ourensano acode a Luintra à ceia de antigos militantes de Centrista da Galiza, mas perante a presença de jornalistas dá a volta. No entanto, o seu filho José Manuel Baltar nom tem maiores problemas e deixa-se fotografar.

6 de Outubro
Antes do começo do "Debate Sobre o Estado da Autonomia" um sucinto comunicado do PP dá por encerrada a crise em Ourense. Manuel Fraga sofre um esvaecimento enquanto pronunciava o discurso de abertura do debate do Estado da Autonomia.

Centro Social
Henriqueta Outeiro
COMPOSTELA
Quiroga Palacios, 42 (rés do chão)
☎ 981 563 286

ALTO minho
associaçom cultural
Rua Catassel, nº18 - Apdo 289 Lugo
alminho@ppg.org www.pp.org/alminho

Rúa Nova
 CAFETERIA RESTAURANTE
Rua Nova, 38 - Santiago de Compostela
Telm. 981 244 930
Telm./Faxi 981 571 373

Santa Sede
Bar de Copas
Salvaterra do Minho

Taverna O Noso Lido
Salvaterra

O *Novas da Galiza* tem o propósito de ocupar um lugar na informação alternativa desvinculada das dependências políticas e económicas a que está ligada a imprensa do nosso país. Nasceu para informar de outra forma, de outro ponto de vista, dando atenção a temas que nos interessam, muitos deles mal tratados pelos media politicamente correctos. Mas o NGZ também quer dar voz àqueles grupos ou indivíduos que desejam compartilhar informações, opiniões ou debates com todos os leitores e leitoras. O PELOURINHO é uma coluna levantada numha praça pública, onde outrora eram expostos os criminosos e as criminosas. O PELOURINHO do NOVAS é,

porém, para expor a tua voz à opinião pública. Se tens alguma crítica a fazer, algum facto a denunciar, ou desejas transmitir-nos qualquer inquietação, comentário ou mesmo alguma opinião sobre qualquer artigo aparecido no NGZ ou noutros meios, este é o teu lugar. Para fazeres uso dele envia o texto junto ao teu nome completo, localidade, número de bilhete de identidade, correio electrónico ou telefone de contacto. NOVAS GZ reserva-se o direito de descartar as cartas que ostentarem algum género de desrespeito pessoal ou promoverem condutas antisociais intoleráveis. Tu tens a palavra... Todos e todas te escutam.

O Pelourinho do Novas

Notas sobre a história do independentismo

Nas novas gerações do independentismo existe uma natural curiosidade por conhecer a sua história e a bibliografia é escassa: a de maior interesse é o livro *A esquerda independentista galega* de Noa Rios Bergantinhos e alguns dos trabalhos (entre eles um meu) da obra colectiva *Para unha Galiza independente*. Ainda, há uma série de artigos em revistas e jornais que som muito de agradecer. No número 32 de *Abrente* Mauricio Castro publicou um artigo a que fizemos uma série de apostilas que entreguei a Primeira Linha rogando fossem publicadas, ou —caso contrário— pedindo uma resposta justificada. Apesar dos meus reiterados pedidos não obtive mais do que silêncio. Não desejo polemizar com Mauricio Castro, já há bastantes polémicas no seio do independentismo, mas quero esclarecer alguns pormenores que, no seu artigo, de muito interesse, continham algumas inexactidões e/ou insuficiências: precisamente para informar as novas (e em ocasiões não tam novas) gerações de independentistas.

Castro falava de uma nova proposta unitária de carácter eleitoral no campo do nacionalismo em 1979: *Unidade Galega* formada polo Partido Obreiro Galego, o Partido Socialista Galego, o Partido Galeguista e militantes do Partido Galego do Proletariado (PGP), que atingiu uns bons resultados nas eleições municipais.

A realidade é que nenhum militante do independentista PGP formou parte da Unidade Galega. A posição do PGP perante as eleições municipais de 79 foi como a do cuco: pôr ovos em diferentes ninhos: consistiu em que havia militantes do PGP não apenas nalgumas candidaturas municipais de Unidade Galega mas também nalguma do BN-PG Aliás, o PGP também apoiou candidaturas independentes como ocorreu em Melide, localidade onde o PGP, e ulteriormente Galicia Ceibe, tivo uma grande influência. Esta política não tinha nada a ver com o famoso "entrismo", já que nem o vereador de Santiago, Francisco Torrente, nem o tenente alcaide de Monforte, Antom Árias, ocultavam

aos seus companheiros de candidatura a sua militância.

Castro fala também da fractura em *Galicia Ceibe-OLN*, em finais de 83, afirmando que "ante a proposta de autodissolução apresentada na VI Assembleia Nacional por um sector que resulta minoritário (encabeçado por Méndez Ferrín) e que abandona a organização mantendo a publicação do vozeiro *Espiral*". O grupo não era minoritário mas para ser dissolvida a organização exigia-se uma maioria qualificada de dous terços. Os liquidacionistas não conseguiram por falta de um voto; curiosamente esse voto seria o de Nemésio Varja que não era partidário de continuar com a organização mas queria deixar uma possibilidade aberta aos que desejavam fazê-lo. Pouco depois, Nemésio seria expulso de Galicia Ceibe (OLN). Também diz que a partir desta altura, Galicia Ceibe-OLN passaria a denominar-se *Galiza Ceibe-OLN*. Nada mais exacto: até a VIII Assembleia Nacional de Galicia Ceibe (OLN), celebrada em Vigo nos dias 23 e 24 de Fevereiro de 1985, a organização não adoptou a normativa histórica, mudando, conseqüentemente, o seu nome polo de Galiza Ceibe (OLN).

Quando fala do processo de criação da primeira FPG, Mauricio Castro esquece o *Colectivo Nacionalista de Compostela* (onde militava, entre outros, Ramiro Ouviaña Parracho).

Quero dizer que a expulsão do PCLN (e de outros colectivos) do BNG assim como a não admissão de Galiza Ceibe (OLN) está ligada às eleições europeias de 1987. Estes colectivos criaram comités de apoio à candidatura da *Herri Batasuna*, sendo esta a razão oficial da sua expulsão ainda que as verdadeiras razões fossem outras, como afirmava o colectivo de Ferrol, que sob o nome de Comité de Avance Popular escrevia a 25 de Julho de 87: "As razões som outras. Porque senom se impidiu a entrada de Galiza Ceibe no BNG dando largas (larguíssimas) à sua integração? Porque se provocou o assédio político do PCLN, sendo utilizada para isto a INTG quando se considerou oportuno?" (*Texto adaptado*

à ortografia moderna por NGZ)

Com efeito, as razões reais tinham a ver com importantes diferenças políticas e, nomeadamente, com o apoio à luta armada do EGPGC.

O mais grave é que Mauricio Castro fala de derrota militar do EGPGC sem fazer nenhuma referência à crise que vivia a organização militar polas diferentes linhas que havia na mesma, crise que também contribuiu para a sua "derrota". As diferenças dentro do E.G.P.G.C. começam quando em Maio de 1988 se produzem uma série de detenções que atingem a cúpula do mesmo, que deve ser reorganizada. As contradições agudizam-se com motivo da desafortunada acção de Irijoa em Fevereiro de 89.

Isto levou a um dos episódios mais desagradáveis na história do independentismo galego: a injusta denúncia de colaboração com as forças repressivas contra Jesus Irago Pereira. Isto provocou uma série de graffitiis em Compostela acusando-o de traíção e uma campanha contra ele que causou um importante ostracismo.

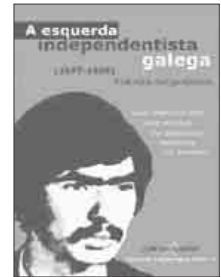
Inácio Martínez Orero conta-nos no trabalho que publicou em *Para unha Galiza independente*:

O EG acusou internamente um membro da direcção da APU de colaborar com o inimigo. Esta acusação vai causar fortes tensões e desercões dentro do movimento político. Há um sector que passa a desconfiar da capacidade do EGPGC para dirigir o projecto e há outro sector que, mantendo-se na lealdade irmandinha, assume a acusação que o tempo demonstrou ser totalmente falsa.

Jesus Irago Pereira começou a militar desde bem novo na U.P.G., passaria depois polo P.C.L.N. e os G.I.G.A. Ao se fusionarem os G.I.G.A, pouco depois da fundação da F.P.G, com Galiza Ceibe (OLN) adopta-se este nome para a organização unificada e Suso Irago é eleito para a Direcção Nacional da nova Galiza Ceibe (OLN). A 4 de Fevereiro de 89 é detido, levado a Madrid e torturado pola Guarda Civil. A Direcção Nacional de Galiza Ceibe (OLN) emite o mesmo dia um comunicado de imprensa solidarizando-se com o seu camarada e denunciando as brutais condições da sua detenção.



Capas de *Para unha Galiza independente* e *A esquerda independentista galega* da Abrente Editora



Suso Irago passaria quase três anos nos cárceres do Estado espanhol, dali lançaria a ideia da constituição da Mesa pola Transferência à Galiza e a liberdade dos independentistas galegos.

Perante este historial, é evidente que

o independentismo galego, ou polo menos um certo sector do mesmo, tem uma importante dívida sem pagar com Jesus Irago Pereira.

Luis González Blasco (Foz)

Denunciam desastre ambiental no Caurel

Nestes últimos anos, no Courel, embora protegido oficialmente, está-se a levar a cabo uma "política dissimulada" de despovoação e devastação que visa favorecer o lucro de empresas sem escrúpulos. Por isso, queremos denunciar a catástrofe ambiental que percorre as águas do Lor, do Sil e do Minho até o Atlântico. A conhecida louseira ilegal da Campa explorada por CUIPRE PADESA SL, líder mundial na comercialização de lousa avança à solta, com a cumplicidade das administrações, por entre os núcleos povoados do Courel: Campa, Val do Mir, Pendelha, Touçom, Folgoso e Santa Eufémia. Estão a trabalhar a menos de 300 metros do rio Lor, onde desagua o rio que desce de Santa Eufémia, afectado polo "entulho" da louseira e polos trabalhos de extração. O terreno não regenera, ocupando o entulho toda a superfície da exploração e jazendo a terra vegetal a dezenas de metros de profundidade. O uso de explosivos e o caótico e temerário avanço da exploração estão a produzir fendas nas paredes das casas e nas ladeiras dos montes e, decerto, acabaram por provocar uma grande desgraça. Após quase duas décadas de "surpreendente currículo de respeito à lei, à natureza e às pessoas" esta empresa está a processar agora a legalização e o alargamento da sua actividade. A recente consecução da categoria de "exploração de recursos C", permitirá-lhe no

futuro, prévia concessão da licença municipal, a ampliação e expropriação forçada das leiras e casas da vizinhança. A situação implicará a desvalorização das propriedades, a cessação da actividade turística e agropecuária e a despovoação total do Concelho. No Courel temem-se aplicado investimentos de fundos europeus, através de sucessivas iniciativas LEADER para o desenvolvimento rural sustentável, totalmente incompatível com este modo de explorar os recursos naturais.

A zona de Ancares-Caurel foi declarada Zona de Especial Conservação, e devia ser portanto uma obrigação institucional a promoção de uma zona habitável, promovendo o emprego alternativo nos campos da regeneração ambiental, da conservação da paisagem, do património cultural, da silvicultura, da agropecuária de qualidade (carne, castanhas, mel, horta, etc.) e do turismo sustentável, evitando-se assim a chantagem das empresas que destroem sob o pretexto dos empregos. Já agora denunciámos também o problema humanitário: com o isolamento e a marginalização que provocaram por provocar uma grande desgraça. Após quase duas décadas de "surpreendente currículo de respeito à lei, à natureza e às pessoas" esta empresa está a processar agora a legalização e o alargamento da sua actividade. A recente consecução da categoria de "exploração de recursos C", permitirá-lhe no

S.O.S. (Courel)

reportagem

Grupo multinacional Carlyle compra Saprogal

Familiares de Bush e Bin Laden ocupam cargos nesta sociedade, que participa em empresas do sector armamentista

Redaçom

A multinacional norte-americana Carlyle anunciou há semanas a operação de compra da firma Saprogal (Sociedade Anónima de Produtos Galegos), fabricante de rações da conhecida marca Biona, com sede na Corunha e possuidora de umha fábrica em Oleiros e outra no Porrinho.

Fora dos círculos económicos, na Galiza o nome de Carlyle dizia-nos pouco mais do que nada. Mas as últimas declarações do multifacetado Michael Moore no festival de cinema de Cannes, em que claramente pujo o ponto de mira neste conglomerado financeiro, fizêrom com que crescesse a curiosidade por conhecer o que há por detrás do novo proprietário da empresa que fabrica as conhecidas rações Biona.

Dentro do caótico organigrama de Carlyle, possuem ou posuírom cargos de responsabilidade o ex-presidente dos EEUU George Bush, o ex-primeiro ministro britânico John Major, o ex-secretário da Defesa dos EEUU Frank Carlucci, e mesmo três irmaos de Bin Laden.

Eric Leser afirmava num artigo publicado no jornal francês Le Monde intitulado O Império Carlyle, que este grupo é o maior investidor privado do mundo, enraizado profundamente no sector armamentista e identificava-o como "um conglomerado mercantil que trabalha discretamente, estabelecendo relações com homens influentes no plano político e dando lugar a um complexo militar-industrial".

Outras fontes aprofundam mais ainda nas teorias conspirativas e chegam a suster que a família Bush saiu beneficiada do 11-S (já que teria dado o motivo para justificar a guerra do Iraque) e afirmam que na realidade nom existe o mais mínimo interesse de capturar Osama Bin Laden, irmao de três dos seus parceiros. Estas opiniões fôrom recolhidas no livro The Iron Triangle. Inside The Secret World Of The Carlyle Group, escrito polo jornalista Dan Brody.



Manifestantes contra a actividade do grupo financeiro Carlyle, comprador de Saprogal

Na própria Carlyle defendem-se a argumentar que relacionar a Carlyle com o 11-S ou com interesses armamentistas no Iraque "é mesmo um exagero" e esclarecem que George Bush pai nom trabalha senom como conferencista. A filosofia de The Carlyle Group

Bush pai mantivo duas reunions, em 1998 e em 2000, em qualidade de conselheiro de Carlyle, com familiares de Bin Laden

(nome oficial da firma) foi exposto num comunicado de apresentação. Nele explica-se como gere um montante superior aos 18.000 milhons de dólares. O seu objectivo é gerar rendimentos extraordinários para o seus investidores, "empregando umha prudente, dis-

ciplinada e já verificada focagem no investimento". A companhia investiu 10.500 milhons de dólares desde a sua fundaçom no ano 1987. Tem 550 empregados nos seus 22 escritórios, sediados em 14 países, um deles no Estado espanhol.

Umha notícia publicada no Wall Street Journal a 28 de Novembro de 2001 desvendava que Bush pai mantivo duas reunions, em 1998 e em 2000, em qualidade de conselheiro de Carlyle, com familiares de Bin Laden e com outros importantes empresários árabes, os Bin Mahfouz.

The Carlyle Group é a maior companhia do mundo de investimentos de private equity, umha espécie de passo intermédio entre o financiamento de capital risco e o investimento na Bolsa. Actualmente, o fundo investidor participa em empresas de aeronáutica e defesa (como United Defense Industries), alimentaçom (Dr. Pepper / Seven Up), industriais (Terreal) ou de telecomunicaçoms (Aprovia), entre outras muitas. Carlyle dispom de sete escritórios na Europa: Barcelona, Frankfurt, Londres, Luxemburgo, Munique, Milám e Paris fôrom as cidades escolhidas polo grupo multinacional como

base de operaçoms para o seu desembarco na Europa. A chegada ao Estado espanhol de Carlyle produziu-se em Junho de 2001. Aproveitando a apresentaçom em

Fontes chegam a suster que a família Bush saiu beneficiada do 11-S

Madrid e Barcelona, realizou-se a reunioem anual do Conselho Assessor na capital dos Países Cataláns. Entre os assistentes encontravam-se Major, Carlucci e Karl Otto Pohl, ex-presidente do Bundesbank. Desde entom, Carlyle, dirigida no Estado espanhol por Pedro de Esteban e Alex Wagenberg, teimou na compra de Retevisión, entrou no capital de empresas como Key Plastics, Terreal, MediMedia ou Aprovia e, finalmente, conseguiu adquirir Saprogal.

A Peneira
 Xornal Galego de Información Xeral
 www.apeneira.com

COPISTERIA
T44
 Fotocopias • Papelería
 Encuadernacións • Planos
 Fax • Carteis • Tarxetas
 Tesis • Tesinas
 Impresión dixital e laser
 R./ San Roque 31 B. T-Fax: 981 566 896
 R./ República Arxentina 44 B. T-Fax: 981 592 626
 SANTIAGO

el matadero
 Print & Stationery COMPANY

Rua Nôreas, 5
 Lugo

CAMPUS CASTELLO 30
 LUGO

galizalivre.org
 O portal de galiza em Internet

portal galego da língua

Luso-reintegracionistas representam a Galiza no Foro Social Europeu

Comunicado conjunto reclamará o reconhecemento oficial da unidade da língua portuguesa na Galiza e dos diferentes dialectos do catalán

PGL

As organizacións galegas AAG-P, AGAL e MDL participáron, no Foro Social Europeu que se celebrou en Londres no mês de Outubro. Neste encontro tamén asistiron colectivos de defensa da lingua de Euscádi, Catalunha, Gales e o povo curdo, para reclamar os dereitos lingüísticos de todos eles no quadro da Unión Europea. A representación dos tres colectivos luso-reintegracionistas - única representación do noso país no FSE- participáron no foro sobre "Identidade e Dereitos Lingüísticos na Europa". Assim apresentou-se un breve resumo da situación lingüística do noso país e dos problemas que enfrenta o galego-portugués no quadro legal español. Os representantes de Euscádi, Catalunha, Gales e o Curdistán explicáron as dificultades e posibilidades das súas linguas no ámbito da Unión Europea.

Igualmente, as tres organizacións acordáron assinar un comunicado conjunto em que, todas as entidades de defensa da lingua participantes no encontro, reclaman das autoridades da U.E. accións eficaces



Os colectivos luso-reintegracionistas galegos participáron activamente no Foro.

As entidades participantes no encontro reclaman accións eficaces na defensa dos dereitos lingüísticos de todos os habitantes da U. E.

na defensa dos dereitos lingüísticos de todos os seus habitantes, ao tempo que reconhecem oficialmente a unidade da lingua portuguesa na Galiza e dos diferentes dialectos do catalán. Tamén se defende que seja permitido a todos os cidadáos comunitários o relacionamento com as administracións da U.E. nas súas linguas respectivas. Do mesmo xeito, os tres colectivos galegos estarán representados na manifestación que vai ter lugar en Londres o próximo domingo, dezasete de Outubro, presidida por unha faixa na que poderá ler-se, em vários idiomas: "Todas as linguas, oficiais numa Europa libre".

Aprender linguas aumenta o volume do cérebro

Piquim

As persoas que falam dúas linguas têm mais matéria cinzenta na zona cerebral destinada à linguagem. O cérebro, contrariamente ao que se pensava até há pouco tempo, é como um músculo que, treinado, aumenta de volume e consistência. Som afirmações do Dr. italiano Andrea Mechelli, do Instituto de Neuro-ciências Cognitivas de Londres, que leva cinco anos investigando sobre a matéria.



Professorado do Norte de Portugal conhece em Mondonhedo "o mundo de Álvaro Cunheiro"

Os días 15 e 16 de Outubro as cidades de Mondonhedo e Lugo foram cenário dos terceiros encontros do projecto "O Caminho das Letras"

PGL

O conecimento da vida e a obra de Álvaro Cunheiro foi o motivo da visita dum grupo de quarenta profesionais do ensino secundário e da rede de bibliotecas da region Norte de Portugal. O programa iniciou-se em Vilalva, com unha comida, e continuou com a viagem a Mondonhedo e com visitas à Fonte Velha, à casa natal de Cunheiro e ao bairro dos Moinhos. Também efectuaram visita à botica do pai do escritor, à Praça da Catedral assim como a outros lugares relacionados com a vida do autor do Merlim e familia. Durante a sua estada em Mondonhedo, a delegação lusa foi

visitada por Ramon Reimunde e Bernardo Penabade, que entregaram aos coordenadores do evento exemplares das Actas do Congresso organizado pola AGAL (celebrado em Mondonhedo em Abril de 1991). Cada um dos asistentes recebeu também cópias de diversos artigos relacionados com a obra de Cunheiro, nomeadamente um da autoria do poeta Manuel Maria.

O encontro, coordenado por Xavier Senin -da Consellaria de Cultura- contou com o apoio científico da profesora Isabel Soto e do escritor Lino Braxe, que se encarregou da leitura dos textos narrativos e do recitado dos poemas de Cunheiro.

PGL

"Planeta dos Macacos", nas ondas

A voz de Vítor Manuel Lourenço Peres guia "Planeta dos Macacos" um dos primeiros programas de criação própria para estaçom radioGaliza.net. Este "coquetel radiofónico", como o definem os responsáveis polo programa, é uma ideia original de Miguel R. Penas, e visa abrir novas janelas e debater acerca da actualidade internacional, sempre com uma

visom "alternativa" e desde a Galiza. Ainda, o "Planeta" acolhe mais duas pequenas secções além da "Debate e reflexom", e elas som "Histórias", na que Raquel Peres dramatiza lendas e histórias lusófonas, e o "Noticiário da Língua", secçom que fez parte em seu dia do "Falares sem Cancelas" e que agora, da mão do seu responsável, passa para este novo programa.



Ministradas aulas de português no liceu de Bande

José Manuel Ribeira

Aulas de português estão já a ser ministradas no Liceu "Aquis Querquernis" de Bande (Ourense). No presente curso 2004-05 ofertou-se aos rapazes por vez primeira em 3º curso do ESO (14 a 15 anos de idade) esta cadeira como 2º Língua Estrangeira (sic), a escolherem como optativa à par do Francês.

Houve quase duplo de rapazes e rapazas que escolherem Português. O resultado ultrapassou as mais optimistas previsões do centro já que, apesar dos prejuizos iniciais existentes, deu resultado a campanha de informaçom que o centro de ensino fez entre as crianças e os seus pais.

Editora Crisálida lança no Brasil antologia bilingüe de poemas de Rosalia de Castro

Rui Mendes
Andityas Soares de Moura

Sob o título "A Rosa dos Claustros" a Editora Crisálida está lançando uma antologia bilingüe de poemas da escritora galega Rosalia de Castro. O lançamento aconteceu na Primavera dos Livros, que ocorreu nos dias 17, 18 e 19 de setembro no Rio de Janeiro (Jóquei Clube).

Após a apresentação na feira, a antologia estará nas melhores livrarias, ou seja, naquelas que ainda dedicam um cantinho à poesia. A data de lançamento desta obra em Belo Horizonte está ainda sendo pensada.

antropologia

AGANTRO

“A cultura e sociedade ocidental estabelece um modelo de indivíduo e o diferente passa a ser considerado inferior”

Antropologia fornece dados de interesse para o conhecimento das sociedades que nom poderiam obter-se de outra forma”

A Associação Galega de Antropología (AGANTRO) nasceu em 1993, após unha reunión de un grupo de profesionais e estudantes de antropología com interesse no desenvolvemento e na difusión desta disciplina na Galiza. Sediada no Museo do Povo Galego, foi concebida para dar a coñecer diversas producións da antropología cultural e social. NOVAS da GALIZA conversou com Mariám Marinho, membro deste colectivo.

Sole Rei

Fala-nos da actividade de AGANTRO.

Realizamos actividades de diferentes géneros. Por un lado, temos actividades dirigidas aos e ás profesionais da disciplina, como a organización de congressos. Nos últimos anos dedicámonos tamén a outras cousas, para além das informacións que proporcionamos no web. Este ano tamén é o do desenvolvemento de unha proposta vinculada à figura do Xocas com o pretexto das Letras Galegas, mercè de um acordo com a Cámara Municipal de Compostela. O Xocas foi unha figura muito relacionada com a antropología, pois unha das linhas mais importantes desenvolvidas por este autor multifacetado é a da etnografía, tendo-se tornado um alicerce da investigação antropológica da Galiza, tanto polos seus métodos de trabalho e dados que recolheu sobre produções materiais da cultura e da sociedade tradicional galega como pelas suas investigações. Ainda, estamos a apostar nos Obradoiros Abertos, em que estamos a trabalhar agora.

Pois, três edições de Obradoiros Abertos. Em que consiste esta iniciativa?

Pensamos neles como unha fórmula relacional das achegas da antropología para atender as necessidades que se están a producir em ámbitos como a educación, a saúde, as comunidades urbanas, o património ou as institucións. Os primeiros Obradoiros fôrom no ano 2002 e tratárom sobre questons religiosas. Nesse momento o ensino secundário estava propondo unha alternativa à religión que fosse ministrada por professorado das ciências humanas, e surgiu unha proposta para articular este obradoiro de um ponto de vista antropológico. Os seguintes Obradoiros tratárom sobre o património cultural. Nesse momento

fôrom ampliados e fizêrom-se convites para pessoas implicadas em questons de gestom do património, pessoal da Junta e pessoas vinculadas ao desenvolvemento e à revalorização patrimonial... E agora estamos com Obradoiros III. Ainda, tenho que dizer que o Museo do Povo Galego colabora em todo o que fazemos desinteressadamente, igual que toda a gente que coordena ou que vem a título de colaboradora às actividades. Venhem sem nada em troca, e isso deve ser tido em conta, porque diz muito delas e se nom tivéssemos a sua ajuda, nem poderíamos fazer o que fazemos.

Quanto à comunidade cigana, existe unha espécie de barreira invisível que fai com que a existência de paños e ciganos discorra paralela, sem se chegarem a misturar as duas comunidades. A que pensas que se deve?

Eu vejo que, como todos os grupos sociais, a comunidade cigana tem unha história. A comunidade cigana começou a ser nómada no século XV. Antes estavam assentes na Índia, mas é muito complicado encontrar dados concretos, pois cumpre ter em conta que foi uma história construída a partir de um contexto de marginalização. Começárom a emigrar para ocidente, e é nesse momento em que aparece unha das suas características actuais, e onde a antropología tem muito a dizer. Aí aparece a definição de etnocentrismo, que referida a Ocidente é unha atitude que considera a sociedade ocidental, industrial e capitalista como sendo a melhor. Assim, conforme os ciganos se iam assentando pola Europa tomava-se evidente que os seus costumes eram diferentes, vestiam diferente, a sua religión era diferente... Começou a proibir-se a sua língua e fôrom-lhes impostos costumes como o matrimónio. A comunidade cigana,



À esquerda, Adriana Blach, (ponente dos Obradoiros), no centro Fátima Braña (Presidenta de AGANTRO) e à direita Mariám Marinho (Coordenadoras dos Obradoiros III)

evidentemente, nom pode agradecer. É um processo em que agem aqueles que nom deixam ser essa comunidade tal e como é. A cultura e a sociedade ocidental é etnocêntrica, situa-se acima das outras e estabelece um modelo de indivíduo. O que ficar fora disso, o diferente, passa automaticamente a ser considerado inferior.

Como vês a situação do colectivo migrante?

Enquanto nom formos capazes de nos apropriarmos de que todas as pessoas temos algo a ver com os desequilíbrios e desigualdades, continuando a apropriarmos-nos de recursos e de cultura, vai ser difícil solucionarmos nada. Há que entender que simplesmente tentem outros códigos e outros costumes diferentes, mas isso nom quer dizer que estejam mais perto da animalidade. E também convém ter em conta o

grau de responsabilidade que tem a nossa sociedade na situação dos países de que provenhem os colectivos imigrantes, pois do ponto de vista económico, se existe imigração agora é porque dantes a indústria ocidental deixou esses países sem recursos.

Pensas que a sociedade galega é, polo menos em parte, racista?

É, porque ainda nom aprendemos a deixar de ser. É racista, patriarcalista e classista. Existe a eterna mania de rejeitar o diferente.

Achas que as instituições e grupos políticos deviam ter mais em conta este tipo de questons?

Com certeza. Polo menos deviam estar mais sensibilizados para a educação, para que certas questons se focassem adequadamente no ensino. E também deviam ser postas em questom as ajudas que se dam, pois som unicamente do tipo assistencial. Creio que as políticas que existem nom fomentam a integração, e devia realizar-se um esforço muito maior nesse sentido. Aliás, quando é preciso que existam colectivos como Chavós ou PreSOS, que servem de intermediários entre determinados grupos e a sociedade, é evidente que as instituições nom están a fazer as cousas como deviam.

Quanto à situação das mulheres na sociedade, como vês o panorama actual?

Eu penso que as mulheres sempre estivemos no mercado laboral. Se tens em conta as actividades agrárias, as piscatórias, e tantas outras que desde sempre fôrom realizadas por mulheres, vê-se que sempre trabalhamos. Hoje continuámos a viver numha sociedade patriarcal em que somos medidas pola forma do corpo durante toda a vida e fã-m-se distinções entre fêmeas e machos. Tem-se avançado em questons como o acesso à Universidade, mas tarefas como as de casa ou o cuidado das crianças continuam a considerar-se exclusivamente femininas, e continuam a ser muito difíceis de combinar. Por outro lado, cada vez há mais famílias monoparentais, compostas quer pola figura materna quer pola paterna. E o tema do trabalho tomou-se mais complicado, pois nom sabemos integrar bem as crianças nesse aspecto. Teríamos que repensar a questom, com projectos diferentes, como infantários. Com as ETTs as raparigas continuam a ter salários mais baixos do que os rapazes. A violência contra as mulheres é algo descarado, assim que alguma cousa terá que acontecer, na educação por exemplo. O que sim vejo importante som as redes internacionais, que a raiz de que os grupos feministas tenham a possibilidade de relacionar-se se reconheça por fim que as mulheres temos direitos. Fiquei muito contente na Marcha Mundial de Vigo, pois vi muitas raparigas novas implicadas.

Continuámos a viver numha sociedade patriarcal em que somos medidas pola forma do corpo durante toda a vida

a entrevista

Xesús Ron, actor e gerente da Sala Nasa de Compostela

"Somos mais do que um projecto de resistência"

Xiana Árias

Xesús Ron é o comandante da Sala Nasa, um espaço alternativo de teatro, música e dança que foi crescendo apesar de todas as dificuldades que acompanham um projecto semelhante levando em conta as actuais políticas culturais do País. Um exemplo de resistência, e muito mais, que neste Outono fai doze anos.

Novidades como as jornadas anti-proibicionistas, com espectáculos consolidados como as "ultranóites", e de novo umha aposta na Portu-Galiza... Quais som as principais linhas de programação da Nasa para este ano?

Nas jornadas anti-proibicionistas de Novembro a Nasa é sobretudo umha receptora, quer dizer, quando um grupo actua aqui é porque nos fijo chegar a sua proposta, aliás, tentamos dar resposta a propostas nom só do âmbito artístico, musical e teatral como também às geradas por qualquer outro colectivo da sociedade. Quanto às linhas da programação deste ano tínhamos vários objectivos. O de Portu-Galiza é um programa que desenvolvemos nos anos 95 e 96 e que naquela altura contara com o apoio da Cámara Municipal, pois sem ela seria quase impossível de manter, embora nunca perdéssemos o interesse e os contactos com grupos portugueses. Para o ano temos o propósito de voltar a abrir um espaço em que a presença de grupos de teatro e música portugueses seja mais regular, mas ainda estamos a negociar a colaboração da Cámara Municipal de Santiago. Outra das linhas em que também apostamos este ano tem a ver com a consolidação de Compostela como ponto chave do teatro contemporâneo ao nível estatal e europeu. Por outro lado, queremos manter o vínculo com o teatro galego, com as pessoas que continuam a fazer teatro na Galiza, que é bastante milagroso, através de companhias consolidadas. Já começamos no mês de Setembro, com a presença de Berrobambám, por exemplo, e continuamos agora em Outubro com um ciclo que chamado Os Novos, que é umha porta aberta a toda a gente que começa a fazer teatro ou dança e que ainda nom apresentou nenhum trabalho em público. Mantém-se o das "Ultranóites", que é o lugar de encontro do teatro e da música, e outra das linhas a seguir vai ser continuar com um programa que estamos a elaborar desde há já dous anos chamado Cabo Jam Lourenço, que

queremos desenvolver mais ainda incluindo novas seções. E estas som algumhas das linhas planificadas para além dos concertos de música habituais e dos seraos na Nasa, dedicados à música e à dança tradicionais sem esquecermos o cinema.

A Sala Nasa foi pioneira na Galiza ao contar desde o começo com umha companhia de teatro associada como foi e continua a ser Chévere...

Pode dizer-se que foi. Quando começamos, no ano 1992, a Nasa abriu com um espectáculo de Chévere que estivo durante um mês em cartaz. Seguramente, foi umha das primeiras experiências deste género que se acometia naquele momento. Agora mesmo, no mínimo, há já mais umha, a Sala Galán, que está ligada a Matarile, e ainda que poda ser algo diferente, o Cinema Yago, com umha companhia de Titeres e outra de Teatro. Mas talvez fôssemos nós que com mais regularidade mantivemos esse tipo de funcionamento. Por exemplo, tivemos Rio Bravo dous meses em cartaz. A presença da companhia vê-se também nas "Ultranóites", pois a continuidade deste projecto durante 13 anos tem a ver com o facto de haver umha companhia por detrás, e ainda, logicamente, com muitíssima mais gente.

Quanto ao que comentavas das vossas relações com a Cámara Municipal, achas que melhorou depois de alguns anos escuros?

Nos primeiros anos da Nasa, a colaboração com a Cámara de Compostela foi fundamental, porque havia muito boa receptividade por parte de algumhas pessoas que tinham responsabilidades na Cámara, nomeadamente com Xosé Manuel Villanueva, que era o vereador de cultura e de economia e fazenda. Isto mostra bem como era importante a aposta cultural na cidade naqueles anos. Mas em 1997 deixamos de contar com esse apoio, e até hoje nom voltou a existir umha colabo-



Xesús Ron é gerente da Sala Nasa de Compostela

ração activa e operativa que estamos confiantes em recuperar a partir de 2005. Estamos a falar desde há meses, estamos a ver como podemos chegar a um acordo e tudo indica que se voltará a fazer algum projecto em comum. Para nós, a Cámara, a relação institucional, é mesmo importante, porque significa sermos partícipes de um projecto comum de cidade que nom depende exclusivamente da instituição. Com a nossa participação nos planos de política cultural, estamos a incidir em que seja diferente, e um dos objectivos da Nasa também era que a nossa actividade conseguisse transformar de algumha maneira a nossa sociedade por meio da cultura. Em definitivo, nessa relação de proximidade com a Cámara podem ser conseguidas muitas cousas. Noutra plano, as relações com o Ministério da Cultura ou com a Junta som de outra índole, digamos que com estourtas instituições é mesmo impossível interagir ou chegar a compartilhar absolutamente nada.

Neste Outubro a Nasa fai 12 anos. Como avalias as diferentes épocas e mudanças que sofreu o projecto?

Embora houvesse algumhas sombras, em geral o projecto tem mudado muito, tanto a equipa que o impulsionou como o "habitat" em que se

foi desenvolvendo a Nasa, isto é, Compostela, que mudou radicalmente nestes doze anos no que diz respeito ao plano cultural. Também as pessoas, as nossas biografias, pois somos 12 anos mais velhos e velhas, e mesmo o público, tam diferente do de há umha década. Quer dizer, exceptuando Fraga, o restante foi mudando bastante. A valorização que fazemos é, no entanto, positiva, porque estamos aqui nom só como um exemplo de resistência, também constatamos que a Nasa foi crescendo continuamente apesar de todas as dificuldades existentes hoje na cultura galega, e ainda que em diferentes momentos pensamos que estávamos a tocar as extremas, que nom havia maneira de conseguirmos que um projecto deste tipo crescesse mais, acabávamos sempre por encontrar umha via mediante a qual conseguíamos ultrapassar umha nova baliza, um novo limite. O projecto também se foi profissionalizando, pois no início trabalhávamos quase por voluntarismo.

Agora trabalhamos melhor do que antes e damos melhor serviço e cobertura aos grupos que chegam até nós, e creio que também à assistência. A valorização definitiva é portanto muito positiva ainda que nos tenha custado muito levar tudo avante.

Gerúndios

Kiko Neves

Há que ir morrendo, Manolo, há que ir morrendo, berravam naquela folia simpática das mobilizações do Nunca Mais aquele. E ei-lo, Dom Manuel, morrendo devagarinho, esmigalhado e fedorento. Como sempre. Ele, a vanguarda do franquismo constante, do caciquismo autóctone, apodrece sem despir aquelas peúgas usadas que estreou quando era um senhorinho do pós-guerra, quando fora tantas vezes número um em concursos, aquelas em que os professores —exilados, retaliados, assassinados— foram substituídos por frades e ainda a maior parte dos alunos desapareceram. Bonito cadáver em vida.

Entretanto, revoltam-se os vermes do corpo ferido, os mesmos que, com a razão da fé nos corpos corruptos, reclamam a transubstancialização ao contrário: a convertemos em pam e vinho do corpo e do sangue do Patrom. Fôrom muitos anos a engordar o capom de Vilalba para agora ficarem sem festa gastronómica por causa desses fode-chinchos de cidade e os seus caterings de "tira-e-pom".

Em morrendo, morrendo, vivemos na Galiza do gerúndio: no efeito de continuidade, no carácter durativo e na extensom da acção, que assim dizem nos manuais. Entom, é precisa a morte de vez dessa Galiza pandémica, doída e murcha. Mas, certo, já sabemos, nom é novidade, sempre na mesma. Pois tal, que mais dá? Quando som maus tempos para o tiranicídio continuaremos como os cans da Terra Chá, a outra, a do Manuel Maria, "ladrando por ladrar". E aguardando, mas cogitando, subvertendo, reagindo, revoltando... que som gerúndios.